



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH

Licenciatura em Pedagogia

Malu Silva de Freitas

A aula afeta o aluno. E o que afeta a aula?

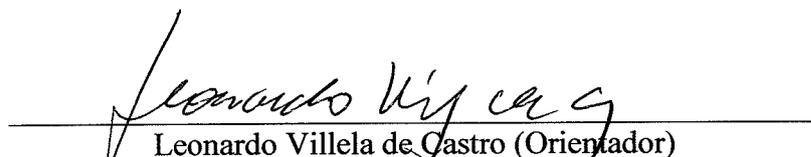
Rio de Janeiro

2017

A AULA AFETA O ALUNO. E O QUE AFETA A AULA?

Malu Silva de Freitas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola de Educação, da Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro como requisito final para
obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

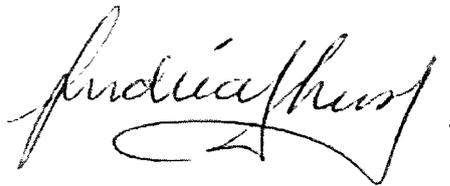

Leonardo Villela de Castro (Orientador)
Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro - UNIRIO

Rio de Janeiro
Dezembro
2017

A AULA AFETA O ALUNO. E O QUE AFETA A AULA?

Malu Silva de Freitas

Avaliada por:

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Andréa Thees', with a stylized flourish at the end.

Andréa Thees
Escola de Educação – Departamento de Didática
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Data:22/11/2017

SUMÁRIO

Dedicatória	5
Agradecimentos	6
Resumo	8
Introdução	9
Capítulo 1 – Contexto Histórico	14
Capítulo 2 – O professor como sujeito do conhecimento e a sociedade	19
Capítulo 3 – Mídia	22
Capítulo 4 – Benefícios de um ensino padronizado (para o governo e a sociedade)	25
Capítulo 5 – A padronização dos resultados	30
Referências Bibliográficas	32

Dedico esta pesquisa a toda e qualquer pessoa que continua acreditando na educação como forma de mudança, como algo essencial a vida humana, porém sem deixar de questionar o sistema.

“-Um professor não educa indivíduos. Ele educa uma espécie.”

Georg Christoph Lichtenberg.

AGRADECIMENTOS

Obrigada a todos os meus professores que tiveram uma influencia direta na escolha da minha profissao, agradeço a todo esforço, carinho, dedicacao e paciência. Muita paciência foi necessaria a cada professor que se deparou comigo como estudante, mesmo assim nenhum se deixou titubear e continuaram me estimulando e me ensinando, mesmo que em alguns instantes o ensinamento fosse sobre como não agir como educador. Agradeço imensamente a minha familia, principalmente meu pai, mãe e meu irmão. Meu pai como principal inspiração profissional e incentivo acadêmico em todas as fases da minha vida. Minha mãe como meu alicerce em tudo, como minha melhor amiga, como minha ouvinte, e maior incentivadora de cada projeto da minha vida, como responsável principal pelo meu caráter, pela minha forma de ver o mundo. Meu irmão como o principal responsável aos meus questionamentos e aprendizados sobre cidadania e respeito. A todos os meus amigos que mesmo com minha chatice e furos nunca me abandonaram, entre esses amigos, em especial a Mariana Trotta, Taynara Ribeiro, Luise Aguiar, Flavia Alves e Pacha Urbano, que fizeram parte da minha vida universitária, me aturaram, e acima de tudo me ensinaram muito, acreditaram em mim e me ajudaram a não desistir de acreditar no mundo e na educação, admiro muito cada um de vocês. Ao João guarda da Unirio, que me inspirava e me ensinava cada vez que eu o via lendo, espero que esteja lendo essa monografia e a avaliando, aguardo seu retorno, e aguardo também sua entrada na universidade como aluno. Cada um de vocês foi essencial para a minha formação como educadora. É muito difícil escrever esses agradecimentos sem esquentar o peito e estar com os olhos mareados, obrigada imensamente à Escola da Travessa onde finalmente entendi na prática como é um ensino construtivista e humano. Às minhas eternas inspirações como as educadoras Mariana Klein e Marcele Garcia que foram indispensáveis no meu crescimento como educadora e pessoa, obrigada pela paciência em todos os momentos do meu estágio, pelo carinho e pela vontade de me ver decolar voo. Muitas pessoas foram responsáveis por quem sou hoje e muitas outras serão. Agradeço também a cada um que me deu a oportunidade de atuar como educadora e acreditar no meu trabalho, aos meus alunos amados que me ensinam muito mais do que eu jamais poderei os ensinar. Obrigada à Cruz Vermelha Brasileira por me fazer entender mais sobre a vida, sobre empatia, sobre ajuda, respeito, e por ter me dado a oportunidade de trabalhar com pessoas tão ricas de historia e de alma, por me trazerem também amigos pra vida. Ao fim, mas não menos importante obrigada ao meu orientador, mas acima de tudo meu amigo, parceiro em todos os momentos, a você senhor Decano Leonardo Castro me faltam palavras para descrever o

tamanho da admiração que tenho por você e carinho, você esteve em todos os momentos difíceis que tive na faculdade e na minha vida pessoal nesse período, como um educador e ser humano. Amigo você está intimado a continuar me ensinando e me orientando em vida, esteja ciente que continuarei te perturbando sempre. Pode contar comigo em tudo. Amo muito cada um de vocês. Sem vocês nada disso faria sentido. Obrigada à vida, ao ser humano e à Deusa (Ou Deus), à Buda, Ogum, e à todas as entidades que de certa forma estavam presentes me protegendo, me dando forças e me guiando.



Que educar possa ser sempre prazeroso e divertido em nossas vidas, assim como aprender.

RESUMO

A pesquisa a seguir trata das dificuldades encontradas pelos educadores em sala de aula. Quais entraves o professor se depara ao ministrar suas aulas, o que impede o mesmo de se sentir livre para criar, estruturar seu plano de aula, criar seu currículo. Abordando também as dificuldades da educação no Brasil de forma geral, desde a entrada na escola. Discutindo como um ensino tradicional pode ser difícil para o estudante e educador, incômodo, alienador, excludente e perturbador de certa forma. A escola atualmente no Brasil de forma geral continua sendo deveras tradicional e padronizada, estamos em 2017 e nossos avós continuam podendo descrever como é uma sala de aula, como está organizada, apenas recordando como era a escola na sua época. Além disso, estamos na era da tecnologia e a informação nunca foi tão acessível, porém a instituição escolar continua ignorando esses avanços e não os incluindo, embora seja algo inevitável. Este texto visa mencionar e explicar incômodos e frustrações encontradas pelos estudantes e pelos educadores no decorrer da vida acadêmica e profissional.

Palavras-chave: Saberes escolares; sala de aula; padronização.

INTRODUÇÃO

Dar aula não é e nunca será uma tarefa fácil. Lidar com pessoas diferentes, de lugares diferentes, famílias, religiões, culturas, tudo diferente. O professor precisa unir tudo isso de uma forma leve para incluir a todos. Fazer todos se sentirem confortáveis, todos se sentirem estimulados, todos querendo aprender e dar o seu melhor. Além disso, têm várias questões que influenciam na aula, no currículo, na escola. E tudo isso precisa ser visto e levado em consideração para entendermos o porquê do resultado final não ser fácil de alcançar. Por mais que tenhamos em mente exatamente qual resultado final queremos atingir. A aula afeta muito o aluno, mas tem tanta coisa que afeta a aula que é muito difícil o professor sozinho direcionar seus alunos ao resultado final que ele gostaria que sua aula alcançasse.

Quando vamos dar uma aula nos preocupamos com a matéria que tem que ser passada. E nem sempre nos preocupamos em como isso será passado ao aluno. Um bom exemplo é quando vamos falar sobre religião, e estamos contando como as igrejas utilizavam a fé para faturar, alienar, escravizar. Será que, quando fazemos isso, estamos contando os fatos, estando preocupados em deixar claro que são fatos e não necessariamente nossa posição? Será que tomamos o cuidado para não ofender? Para não fechar a abertura que nosso estudante antes nos dava?

Todos nós, professores, já fomos alunos (muitas vezes inclusive reproduzimos como professores aquilo que vivenciamos como alunos, devemos tomar cuidado quanto a isso). E todos nós tivemos um professor (pelo menos) que sentíamos que não tínhamos acesso, que nos faziam sentir burros por pensar diferente, ou nos sentindo injustiçados ou acuados por praticar ou ser algo que o professor parecia julgar errado ou menos “evoluído”.

No texto “Estudos culturais, educação e pedagogia” (Costa, Silveira e Sommer, 2003), percebemos o quanto estamos voltados a crer que determinado “fator” é culto e outro não. E o quanto isso é uma inverdade. Temos diversas formas de cultura. Até falar “errado” pode ser considerado cultura! Afinal temos a língua formal, como conhecemos, e temos a língua falada, as gírias, as abreviações, os sotaques. Quem afinal que julga o que é culto? O que é mais certo? Superior?

Sei o quanto é difícil agirmos diante de algumas questões como o machismo, o fanatismo religioso, o preconceito, o racismo, a homofobia. Mesmo com essas questões delicadas temos que tomar cuidado. Isso tudo é cultural, tem uma história por trás que muitas vezes a própria detentora do pensamento não percebe. E devemos contar essas histórias, explicar o porquê de certos pensamentos serem talvez ultrapassados, mas tudo sem sermos

agressivos. Porque isso fecha nossa porta de entrada, isso talvez influencie a pessoa a manter suas convicções mais fervorosamente se você entrar de uma maneira errada.

Ser educador, na minha visão, é bem mais que *passar matéria*, é ensinar a pessoa a ser pensante, a saber porque ela tem esse pensamento, por que ela julga algo como certo ou errado. Porque ela acredita em algo. Ser educador é ajudar as pessoas a abrirem a mente, aprender a ouvir e entender pensamentos diferentes sem nos alterarmos e sem julgarmos o outro como ignorante. Todos nós estamos aprendendo todos os dias, sempre terá alguém mais “inteligente”, alguém que nos consideraria ignorante, alguém menos informado que a gente, por hábito também, acharia “ignorante”. A ignorância, no entanto, não se define em não saber algo, mas em se fechar para novos aprendizados, achar que está sempre certo e sequer ouvir a posição do outro, sem tentar entender. Não saber, ou achar que sabe, mudar de opinião, assumir o erro, isso é ser humano, faz parte da vida, da evolução, do aprendizado.

Na minha experiência como aluna sempre me achei extremamente sortuda. Tive professores que eu considerava serem geniais, além de serem acessíveis, amigos, ter uma metodologia atraente. Isso fez com que eu sempre me imaginasse dando aula. E, mesmo nunca tendo sido considerada boa aluna pelos padrões impostos e por mim também, sempre ouvia dos meus professores que eu era boa aluna. Mesmo não tirando notas altas, sentando no final da sala, dormindo em muitas aulas. Eu sempre aprendi rápido e me cansavam aulas demoradas e muitas voltas nos assuntos. Ou temas que eu não achava pertinente.

Muitas vezes os professores exigiam que se entregasse o trabalho num padrão e eu entregava o trabalho em outro que eu achava mais adequado para demonstrar meus conhecimentos e resultados. E nunca fui repreendida por isso, pelo contrário, acabava dando mais até do que os professores esperavam. Isso eles mesmo me diziam. Mesmo as poucas vezes que recebi uma nota baixa por isso o professor dizia “Malu, seu trabalho está incrível, eu não quero que você pare de produzir assim, gosto da forma que você pensa. Mas não posso te dar uma nota alta, pois você não fez exatamente o que eu pedi.” Eu sabia disso, e a nota não me desestimulava, pelo contrário as palavras dos professores sempre me estimularam e muito. Embora só agora como educadora eu entenda essa “agonia” deles em não querer que eu me deixasse moldar. Muitos deles já estavam moldados e felizes em ver alguém desafiar o que eles muitas vezes desafiaram também, e estavam desafiando quando me estimulavam mesmo eu não fazendo o que eles mesmos pediam.

Eu não tinha certeza se queria ser professora de história, de geografia política, ou de matemática. Só sabia que queria dar aula. Fiz o ENEM, e passei para história na EaD (Educação a Distância) na UNIRIO, mas passei quase no mesmo período que li pela primeira

vez o livro 1984, e comecei a duvidar e muito do que eu havia aprendido em história. E resolvi que não queria fazer história. Então pesquisei e descobri um curso na UFRJ que se chamava Bacharelado da Ciência da Matemática e da Terra. Consistia em um curso com um ciclo básico de física, geografia e matemática. Resolvi que era o ideal, pois ao final de 3 anos desse curso poderia escolher pra qual área eu queria ir entre essas matérias, qualquer área nessas matérias. Entrei achando que provavelmente eu mudaria para algo na matemática.

Porém quando entrei na UFRJ me deparei com uma realidade triste no ensino nessa instituição. A maioria, se não todos os meus professores de exatas, eram estrangeiros. E davam a aula em sua língua natal. Sem se preocupar se o aluno entendia ou não. E era muito difícil acompanhar aula de cálculo em espanhol, por exemplo. Isso foi me desestimulando e eu comecei a acreditar que eu detestava exatas. Na verdade, hoje acredito que não tive a chance de aprender as matérias de fato. Nesse momento percebi também a importância de se estudar a sala de aula, estudar o ser humano, de ser licenciado. Muitos desses professores eram bacharéis e não tinham muito tato, e nem se preocupavam em ter, com os estudantes. Escreviam no quadro (quando iam as aulas), davam a prova e saiam, sem responder muitas dúvidas, sem se preocupar se a turma estava entendendo a matéria, e sempre pontuando como devíamos aprender a estudar e a aprender sozinhos pelos livros e materiais didáticos, fazer mil exercícios para decorar, e coisas do tipo.

Pensei mais e cheguei à conclusão de que nunca tive dúvidas de que queria dar aula. Percebi que eu me via mais dando aula para crianças pequenas. E resolvi fazer Pedagogia. Entrei na UNIRIO no curso de Pedagogia e senti que finalmente havia me encontrado. Cada aula ia me transformando como cidadã, como estudante e pela primeira vez eu gostava e muito de estudar. Fui aprendendo com os professores da UNIRIO o quanto a escola tradicional aliena, e o quanto é ruim para o estudante. E, cada vez mais, fui entendendo o quanto tive sorte com meus professores, apesar das escolas serem tradicionais.

Durante meus anos na UNIRIO no primeiro período já fui dar aula de teatro, em parceria com um amigo. Ele era professor de duas turmas de teatro em escolas particulares diferentes e me chamou para substituí-lo quando o horário da sua faculdade atrapalhasse. Já que eu tinha o certificado de atriz na carteira de trabalho poderia ajudá-lo. Além disso, eu estava ansiosa para dar aula e ver se de fato era isso que eu gostava. Porém o meu amigo só apareceu nas escolas para me apresentar e depois não foi em nenhuma aula mais. Inclusive a cena final que os alunos teriam que apresentar foi preparada por mim. Meu amigo fez um acordo de me pagar uma parte do salário dele. Não valia a pena financeiramente, mas eu queria muito ter essa experiência e aceitei. O que mais me surpreendeu em ambas as escolas

foi ver que mesmo os funcionários, vendo que só eu ia dar aula e o meu amigo não aparecia, nenhum deles nunca pediu meus documentos para saber se eu estava apta para dar aula para os alunos. Ninguém nunca viu nem minha identidade, não tinham o número do meu telefone. Um erro grande por parte da gestão dessas escolas, escolas particulares, que claramente estavam preocupadas apenas com o dinheiro que os responsáveis pagavam para esse curso de teatro e não para quem estava dando a aula ou como ela era ministrada. Eu ficava em salas fechadas com os alunos se eu quisesse e não tinham câmeras nas escolas. Achei aquilo um absurdo e quando eu podia, eu dava aulas na quadra, por ser aberto e todos poderem ver o que eu fazia. Achava melhor. Foi aí que comecei a perceber o quanto a escola particular só se importa dos alunos estarem ocupados, e se está recebendo. Aquilo me incomodou muito e comecei a perceber muitas questões que as escolas particulares fingem esquecer ou não ver em prol do dinheiro.

Após dar aulas nessas escolas, comecei um estágio remunerado em uma escola particular na zona sul do Rio de Janeiro. A coordenadora da escola tinha me dito que tinham duas vagas para estágio, uma para ajudar na coordenação, e outra para ficar em sala com a professora. Fui selecionada e para minha surpresa a coordenadora me deu uma vaga que ela chamou de “estágio com regência”, ou seja, me deu uma turma para assumir. Perguntei se eu poderia dar aula, sabendo que eu não estava nem no meio da faculdade, disse que não me sentia preparada. Ela me garantiu que a turma do integral, pela qual eu ficaria responsável, era justamente para estagiários. Que era justamente para aprender. Aceitei então acreditando que a experiência valeria a pena, mas deixei claro para a coordenadora que eu estava de férias na faculdade e quando a aula voltasse eu teria que ver se um estágio desse tipo não me atrapalharia na faculdade. Ela sempre me garantiu que eu terminar a faculdade era prioridade deles também. Porém quando as aulas começaram o colégio queria que eu faltasse aula na faculdade para ir a grupos de estudo do estágio, que eu faltasse aula para ir a reuniões com os pais, que eu faltasse aula qualquer dia que qualquer pai quisesse conversar comigo. Sem contar que me eram cobrados planejamentos semanais, que eu não sabia fazer, murais, relatórios. E mesmo eu dizendo que não sabia fazer era dito que eu deveria fazer, que todos aprendiam assim. Percebi que estava me desgastando muito e expliquei para a coordenadora todas as questões. Eu estava doente desde janeiro e não conseguia melhorar, pois não tinha o descanso adequado. Cheguei inclusive a achar que eu estava com alguma doença grave. Pedi para sair da escola. Mas garanti que eu esperaria eles acharem outra pessoa e ficaria com ela até os alunos se sentirem confiantes com a nova pessoa. Fiz isso por mim, pois já estava muito apegada aos pais e aos alunos e não os deixaria na mão de alguém que eu também não

me sentisse segura. Para finalizar, a coordenadora me fez escrever um texto para os pais, dizendo que eu não conseguia conciliar a faculdade com o estágio e por isso estava saindo. Fiquei muito mal por ter que fazer isso, mas fiz tentando não entrar em detalhes na carta e deixando claro que eu não queria estar com os filhos deles se eu não estivesse dando cem por cento de mim, que eu não achava justo com eles, nem com os filhos deles, nem com a escola. Falei do meu carinho enorme pelos alunos e finalizei a carta. A coordenadora modificou meu texto, e enviou para os pais. Mais um erro de gestão e uma falta de cuidado com o profissional sem tamanho, novamente o dinheiro dos responsáveis valia mais do que o cuidado com o outro.

Nesse momento eu já estava extremamente frustrada com as escolas. Foi então que fui fazer o meu primeiro estágio obrigatório na faculdade, no ensino médio, numa escola de Ensino Normal. Acompanhei uma turma de terceiro ano do Ensino Médio. Fui extremamente mal recebida pela coordenadora e por alguns professores. Vi os professores sendo bastante agressivos com os alunos. E para completar vi um circo de horrores no conselho de classe. Professores se referindo aos alunos de uma turma como “títicas”, dizendo que davam provas de nível fundamental para outra turma do ensino médio, pois os alunos não tinham a capacidade de fazer prova para o nível deles, e a professora disse que falou isso na turma. Fui expulsa de sala pela coordenadora e do conselho também. Vi a forma como os professores e a coordenação tratavam os alunos. E pensei “se eu tivesse tido professores assim, eu nunca ia querer ser professora”. E comecei a pensar o quanto a aula afeta o aluno e quantas coisas afetam a aula. Por isso o tema do estudo apresentado.

Nessa pesquisa abordaremos fatores que influenciam a aula, utilizaremos como bibliografia educadores, filósofos, pesquisadores, citaremos alguns textos, livros, e também falarei da minha própria experiência, como aluna, como estudante de pedagogia, como estagiária em instituições de ensino, como professora de teatro, como educadora.

Será analisado como a nossa sociedade influencia o trabalho do professor. Como a gestão escolar lida com isso. Qual é o papel do responsável nessa influência. Abordaremos também a questão da mídia como influenciadora direta nos dias atuais na sala de aula e na educação das crianças. E por fim questionaremos a padronização dos resultados, padronização presente desde o início da nossa educação, até o final, seja ele o ensino médio, o ensino superior, ou a pós-graduação.

CAPÍTULO 1- CONTEXTO HISTÓRICO

No livro “Documentos de identidade” (SILVA, 1999), podemos ter uma noção de como o ensino se tornou o que temos hoje no Brasil:

Em conexão com o processo de industrialização e os movimentos imigratórios, que intensificavam a massificação da escolarização, houve um impulso, por parte de pessoas ligadas, sobretudo à administração da educação, para racionalizar o processo de construção, desenvolvimento e testagem de currículos. (SILVA, 1999, p.12)

Podemos ver com esse trecho o modelo de currículo criado por Bobbit em 1819. Com o capitalismo a ideia era criar um ensino em massa, que o processo fosse parecido com o processo de trabalho em uma fábrica. Os estudantes devem ser como produtos para a economia. A ideia nesse contexto não é criar seres pensantes, que questionem, que interajam, que criem. O objetivo é criar estudantes com o mesmo pensamento, enquadrados em uma só educação, com uma só visão.

Assim a ideia é que ajam como robôs. Humanos que trabalhem, que façam a economia crescer, que obedeçam. Que hajam conforme o governo e a economia quiserem. Esse molde de ensino se reflete até hoje. “As teorias tradicionais eram teorias de aceitação, ajuste e adaptação”. (SILVA, 1999, p.30)

Atualmente o ensino na maioria das escolas já não é tão rígido como antigamente. Claro que ainda existem escolas deveras tradicionais, mas em geral já não é como antes. Os alunos podem perguntar, podem criar, podem pensar. Mas mesmo assim tudo dentro de uma padronização. A educação no Brasil é completamente voltada para a economia. Os alunos das escolas tradicionais são ensinados desde muito cedo a competir, a tirar notas melhores que os outros. São taxados de “maus alunos” caso não se enquadrem na escola.

A disciplina é um mecanismo utilizado para garantir o controle dos indivíduos que compõem determinada sociedade. As instituições, em geral, adotam os mecanismos disciplinares para garantir a vigilância, o controle, a maior produtividade e desempenho de seus integrantes. Estando as instituições escolares inseridas no contexto sócio cultural, estão impregnadas deste mesmo mecanismo disciplinar de controle social. (CRUZ e FREITAS, 2011, p.30)

Podemos analisar nos quadrinhos escritos pelo Pacha Urbano (anexado abaixo) esse modelo fabril que falamos acima. A escola na sua estrutura física já nos remete a uma fábrica e muitas vezes também a um presídio, com grades nas janelas. Dentro das salas carteiras enfileiradas, uniformes, pessoas aprendendo a pensar parecido e aprendendo a “se encaixar”

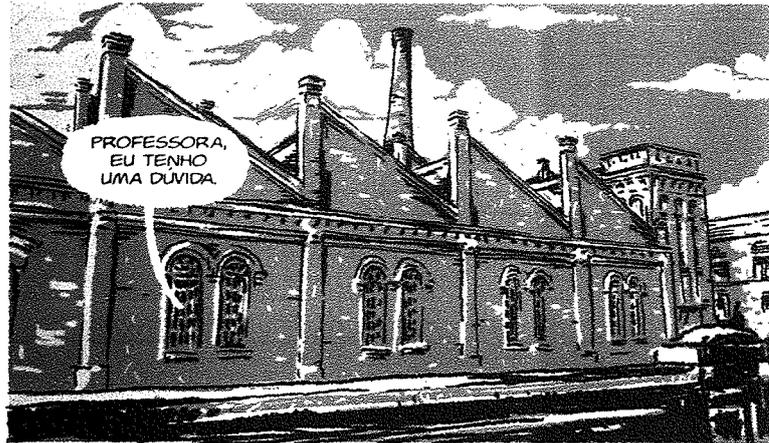
no modelo de sociedade que temos. No vídeo “O que a escola deve aprender antes de ensinar” a filósofa Viviane Mosé questiona as carteiras enfileiradas, fala sobre o nome das coisas na escola e como essas definições já nos dizem tanto: grade para se referir ao currículo que deve ser seguido pelo estudante, as matérias chamadas de disciplinas, questiona também os sinais (que eram usados nas fábricas) que são usados para diferenciar uma aula da outra, e que “quebra” o raciocínio do estudante e do professor. Como isso também tem haver com a questão das fábricas, a escola de massa é caracterizada pela segmentação e fragmentação das matérias. Infelizmente, na vida real, não podemos dividir os problemas desta forma, vem tudo misturado. A pesquisadora fala também das séries.

Uma escola seriada, parece né, produto em série né. Tem as séries primeira série, segunda série, terceira série, não bastando, o conteúdo que é uma coisa tão linda, como língua portuguesa, como biologia, como física. Que são impressionantes, porque estamos falando da vida, nos estamos falando do mundo, estamos falando da nossa história, esse conteúdo é chamado de disciplina. (MOSE, 2013, vídeo).

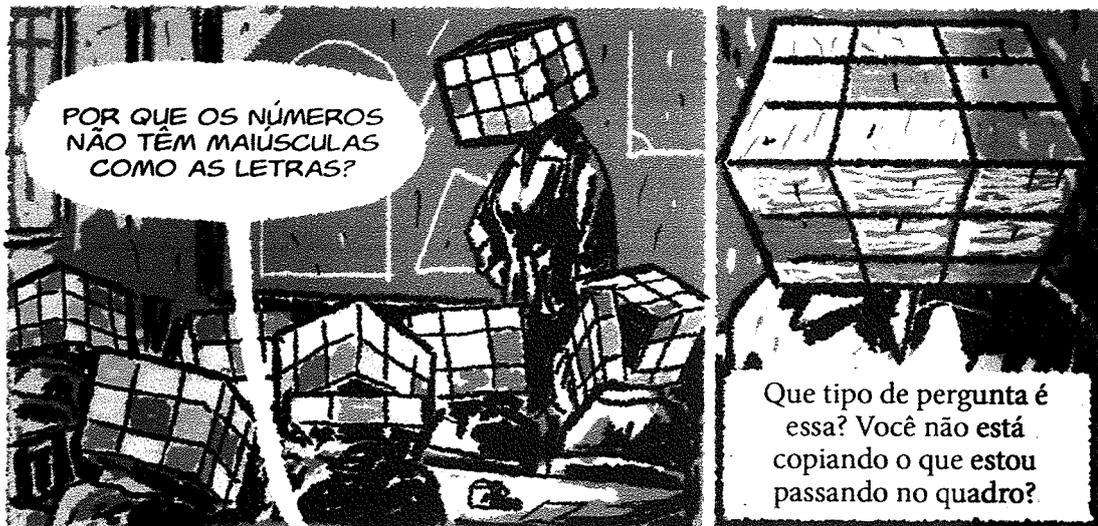
Podemos perceber que essa escola é o que temos até hoje, na maioria das instituições de ensino. Tantos anos depois, tanta evolução humana em diversos ramos, tantas pesquisas, tantas mudanças de mentalidade e a escola continua parada, com poucos avanços na forma de tratar educação. Continuamos enfileirados, com grades como currículo, com disciplinas, com sinais, com uniformes, com perda de identidades a cada dia, ensinados (ou seria treinados?) a pensar, a produzir, a reproduzir tudo “corretamente” para no final recebermos o nosso boletim. Boletim também é um nome complicado, nos remete à delegacia, prisão e provas. A pesquisadora também fala desde termo, provas, testes, como se o estudante já fosse um condenado e precisasse provar sua “inocência”. E quando reprovado, o estudante precisa RE provar que merece passar de ano, o que é passar de ano? Reprovar é como ficar atrasado, parado naquele ano, até ser “capaz de evoluir”, se for em apenas uma ou duas disciplinas, o estudante pode fazer a dependência em algumas escolas. Depende de passar nessa matéria para poder passar de ano, de série, para ser um produto mais qualificado, que possa valer mais no mercado de trabalho.

Uma história conhecida

por Pacha Urbano



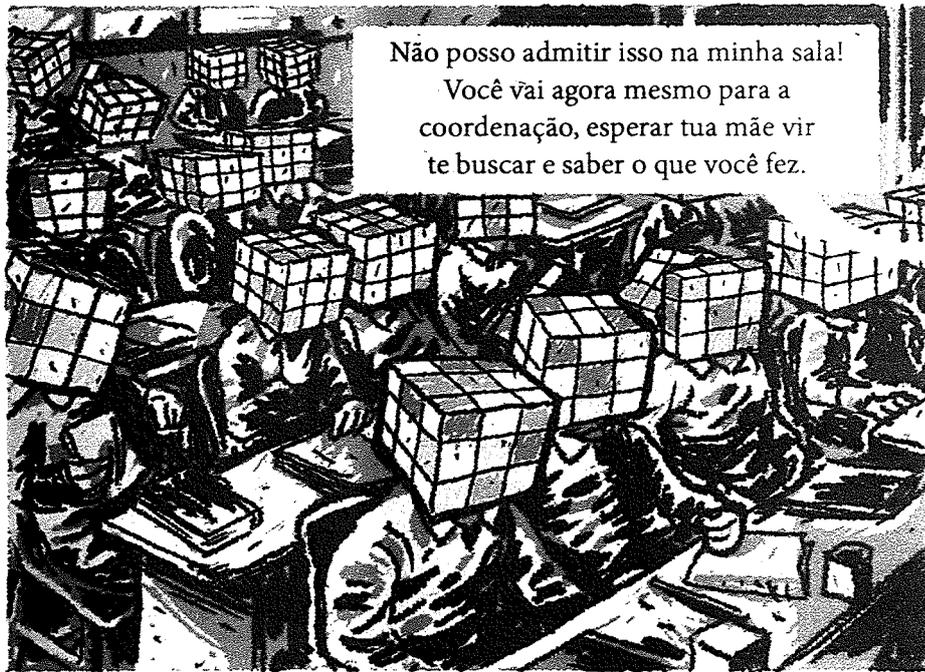
1/9



2/9

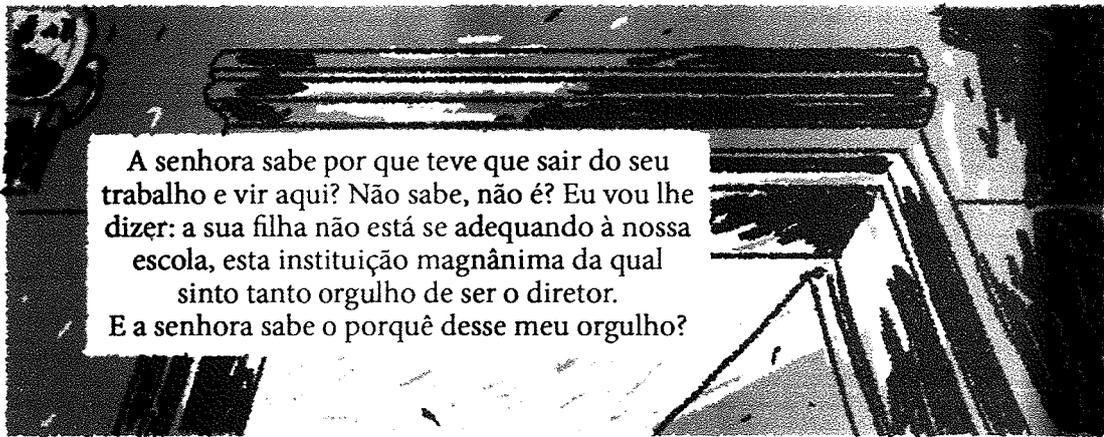


3/9



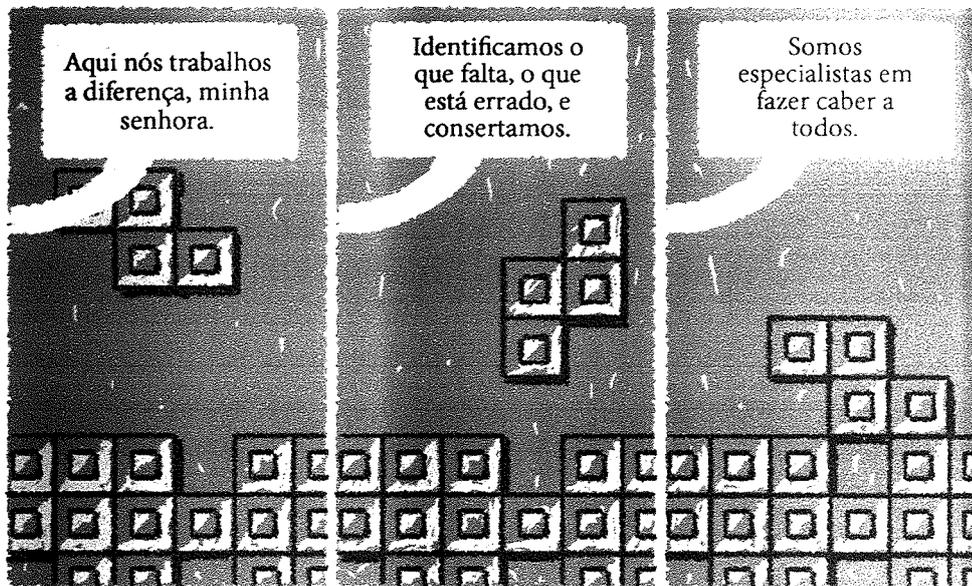
Não posso admitir isso na minha sala!
Você vai agora mesmo para a
coordenação, esperar tua mãe vir
te buscar e saber o que você fez.

4/9



A senhora sabe por que teve que sair do seu
trabalho e vir aqui? Não sabe, não é? Eu vou lhe
dizer: a sua filha não está se adequando à nossa
escola, esta instituição magnânima da qual
sinto tanto orgulho de ser o diretor.
E a senhora sabe o porquê desse meu orgulho?

5/9

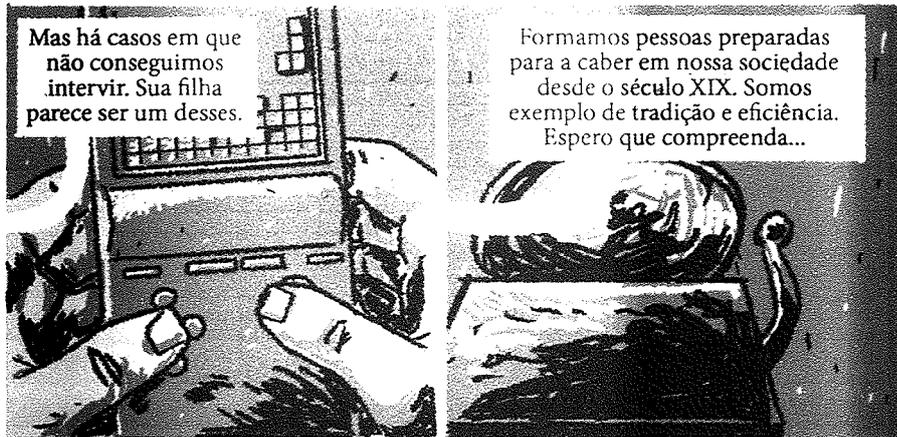


Aqui nós trabalhamos
a diferença, minha
senhora.

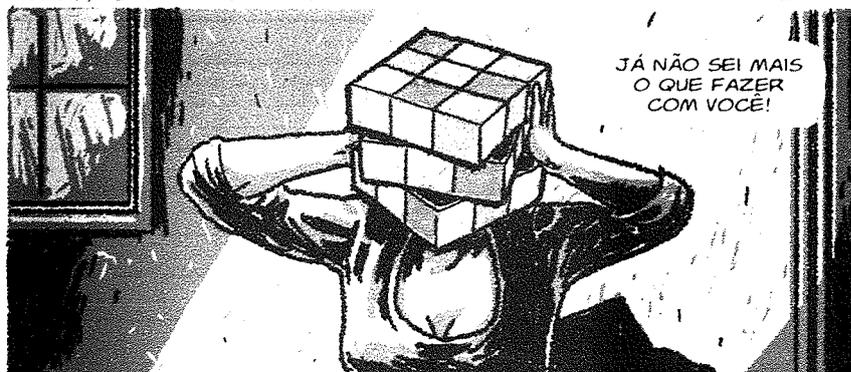
Identificamos o
que falta, o que
está errado, e
consertamos.

Somos
especialistas em
fazer caber a
todos.

6/9



7/9



8/9



"Deve se abandonar todas estas coisas do século XIX: classe, aula, prova, tudo sem qualquer fundamento científico. Isso é um absurdo."
José Pacheco

CAPÍTULO 2- O PROFESSOR COMO SUJEITO DO CONHECIMENTO E A SOCIEDADE

O texto “Os professores enquanto sujeitos do conhecimento: subjetividade, prática e saberes do magistério” (Tardif, 2003), fala da importância de ver o professor como um sujeito único com suas subjetividades, sua formação, com seus conhecimentos próprios, com suas formas de ensinar, com sua experiência de vida. O autor fala do saber ensinar, as habilidades e as competências que servem de base para o trabalho de cada professor.

Tardif fala como isso é deixado de lado pelas instituições e até pela sociedade e como é importante rever isso. O professor tem muito a incluir no ensino, mas para isso é necessário uma autonomia maior e para que isso aconteça, o que é necessário? É necessário ouvirmos os professores, saber o que eles acham importante, dar liberdade a eles para decidirem o que é importante ensinarem nas suas turmas.

O professor é quem mais conhece sua turma (ou deveria ser) e por isso sabe as reais necessidades de cada uma delas. Tardif comenta que quem monta a grade que deve ser seguida pelos professores é quem não está em sala de aula, e que isso precisa mudar.

Quem fez vestibular nos últimos anos, o ENEM, sendo mais específica, sabe que essa prova tão geral não pode analisar o nível de conhecimento de cada região, de cada instituição, tendo as mesmas perguntas, não serve para medir nível de qualidade e conhecimentos gerais, apenas específicos. Quem nunca aprendeu algo na escola e pensou: “Ai, para que eu estou aprendendo isso, nunca vou usar isso na minha vida...”. Posso apostar como todos já pensaram isso pelo menos algumas vezes na idade escolar. A gente aprende na verdade, desde cedo a competir. Normalmente não estudamos para aprender, estudamos para passar em uma prova, para irmos melhor que os outros em um concurso. E, sinceramente, quem passa é o mais inteligente? É o mais capacitado para aquela vaga? O conhecimento que o indivíduo mostrou na prova é o que ele vai utilizar na nova vaga que passou? Certamente não. Depois de tudo isso, toda essa competição, quando passamos na tão sonhada vaga, no emprego dos sonhos, o que acontece? Aprendemos nosso serviço no dia a dia do trabalho. Claro que muitos aprendizados teóricos vão ajudar, mas mais da metade do que aprenderá será no dia a dia do trabalho. Se a maioria da população percebe isso... Por que não mudamos?

Para que isso aconteça, temos que dar espaço para quem está com os estudantes todos os dias, para quem conhece a real necessidade da turma e entende do assunto. Os professores têm que ser os próprios formuladores do conhecimento, eles têm que ser os elaboradores das

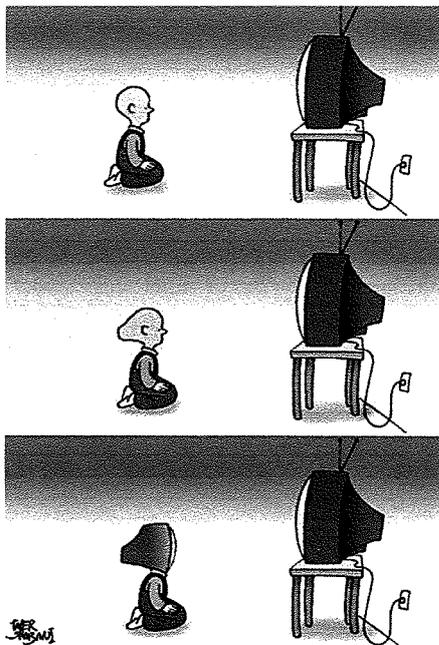
avaliações para saber quem de fato tem conhecimento, quem de fato tem competência. E isso não é decorando fórmulas, nomes ou datas. Isso é entendendo de fato a matéria, entendendo o contexto que vivemos, entendendo a vida, sabendo resolver coisas do dia a dia, sabendo conversar, entendendo de política. Isso é conhecimento. As pessoas estão focadas demais na competição, tanto que cada dia mais se esquecem uns dos outros. Só queremos garantir o nosso lugar, o mais alto possível, passando em todas as provas e é possível até que quem passa de fato se sinta um gênio. Tudo isso é surreal, não é razoável se sentir um gênio fazendo tais provas, mas obrigado a seguir o que o sistema quer.

De fato, sei que aprendi muito com meus professores e sinto que nunca tive e talvez nunca tenha a chance de mostrar tudo que aprendi de verdade. A instituição, a sociedade, não enxergam no professor tudo que de fato ele é capaz de transformar, estar numa sala, com um grupo de pessoas, ser responsável por essas pessoas, ser muitas vezes o primeiro a falar sobre um determinado assunto é uma tarefa muito importante e exige muito estudo e muita responsabilidade. Com a experiência que eu tive e com a experiência que já ouvi de muitos colegas de profissão sei que os professores muitas vezes não são ouvidos nem no seu ambiente de trabalho, é difícil lidar com tantas pessoas numa sala, com vidas e questões diferentes, temos que conhecer e saber lidar com todo tipo de pessoas, e muitas vezes não estamos preparados para tantas realidades diferentes da nossa, é necessário escuta, estudo e conversa com outros profissionais experientes, é necessário que haja uma troca, para que o docente saiba como agir diante de diferentes contextos e situações. Mas como isso é possível se nem conseguimos espaço para sermos ouvidos?

Trabalho atualmente na educação infantil e os pais veem a escola como creche na maioria dos casos, mesmo não sendo. Temos conselho de classe uma vez por semestre e ouvi de um grupo de pais “conselho de classe? Eles estão na educação infantil. Não tem necessidade de existir um conselho de classe.” Esses pais nunca perguntaram para um professor da escola para que serve um conselho de classe, e provavelmente nunca estiveram em um... Ou se já estiveram não um especificamente desta escola, com certeza. O intuito do conselho de classe nesta instituição é de conversar com a coordenadora pedagógica e com a psicóloga da escola sobre as questões de cada criança no dia a dia, seus avanços, suas dificuldades. E juntos analisarmos a melhor forma de ajudarmos e mediarmos essas crianças para que elas continuem avançando cada vez mais. E em casos mais específicos chamar os responsáveis para uma conversa e talvez encaminharmos o pequeno para um especialista que possa trabalhar junto conosco buscando cada vez mais avanços para a criança (como fonoaudiólogo, psicólogo, oftalmologista). Os pais, principalmente na educação infantil veem

os professores muitas vezes como inimigos, alguém com quem seu filho criará laços, com quem ele precisará dividir o afeto, apesar dos pais quererem que o filho goste do professor, eles não querem que goste demais, eles tem medo do filho não depender mais dele, não ser mais o seu “bebe” e é exatamente o que queremos trabalhar na criança, a autonomia. Os pais muitas vezes criam diversos obstáculos nesse processo de autonomia da criança, mesmo involuntariamente, eles querem que o filho cresça, mas não tão rápido, e por isso muitas vezes criam empecilhos e passam para a criança seus medos e ansiedades, dificultando o trabalho do docente em sala de aula. É difícil ser professor numa sociedade que não valoriza o trabalho do docente, e que não entende o trabalho dele desde a educação infantil. Mesmo na escola particular onde muitas vezes os responsáveis pagam caro para deixar seus filhos ali, eles não valorizam o profissional que fica com seu filho, já chegam falando “vai com a tia”, nas reuniões de turma já ouvi de um dos pais “nossa, vocês fazem muita coisa, achei que vocês só brincavam e desenhavam”, ouvir esse tipo de comentário mostra o quanto a sociedade precisa sentar e conversar com os professores, ouvir, conhecer, para assim conseguirem entender a grandiosidade desta profissão, entender como é o trabalho, quais são as dificuldades, os objetivos, e essa conversa não pode ser geral. Pois cada instituição vai agir de uma forma, cada professor dentro dessa mesma instituição vai ter uma forma de trabalho e é necessário conhecer para entender. Os professores deviam ser vistos pelo que são, os grandes combustíveis da nação. Sem os professores nada anda, nada evolui. São mestres e devem ser tratados como tal.

CAPÍTULO 3- MÍDIA



Para falarmos de relação na sala de aula, temos que falar da mídia, porque a mídia faz parte do dia a dia de todos, e afeta muito a forma de pensar dos alunos. Com isso temos a chamada escola paralela que nada mais é do que esse conjunto de meios de comunicação de massa.

Já havia preocupações no sentido de que os meios de comunicação constituíam uma escola paralela onde as crianças e os adultos estariam encantados e atraídos em conhecer conteúdos diferentes da escola convencional. Desta forma foram sendo analisados os efeitos do impacto da tecnologia na sociedade e na educação. A partir desses impactos, alguns autores como Friedmann e Pocher (1977) apontam que as tecnologias são mais do que meras ferramentas a serviço do ser humano, elas modificam o próprio ser, interferindo no modo de perceber o mundo, de se expressar sobre ele e de transformá-lo, podendo também levá-lo em direções não exploradas encaminhando a humanidade para rumos perigosos. (DORIGONI E SILVA, 2007, p.4).

Precisamos chegar nisso, como professores. Precisamos estar atualizados. A mídia é uma forma incrível de chegar ao aluno. Afinal hoje o mundo gira em torno disso, das tecnologias de informação e comunicação (TIC), da internet, da televisão, dos jornais, das redes sociais como: o *facebook*, o *snapchat*, o *twitter*¹. Devemos nos apropriar disso para trabalharmos cada vez melhor com nossos alunos.

¹ Redes sociais de interação com o intuito de compartilhar fotos, vídeos e textos pessoais.

A escola não pode deixar de pensar a relação da criança com as tecnologias justamente pela possibilidade de refletir, desconstruir, e descondicionar esta relação, diz Mantovani. Se o computador, a internet, o celular existem, seus usos podem ser redimensionados e suas interações podem ser mais ativas e interativas consentindo a possibilidade de comunicar e produzir cultura de modo reflexivo. E isso implica a necessidade de caracterizar o objeto, o contexto, o papel do adulto, o papel do grupo, os programas utilizados bem como problematizar os processos de metacognição envolvidos nessa relação. (FANTIN, 2007, p.3)

A mídia é incrível. A tecnologia, a internet, a globalização. Tudo isso supostamente serviria pra aproximar os sujeitos, mas será que é o que ocorre?

De fato, agora é possível conversar com alguém que está no Japão, em tempo real. Saber os problemas que assolam a Europa, as crises mundiais. É possível conhecer a cultura de todos os lugares, aprender tudo, está apenas a um Google de distância. Não é? Quem tem boca vai a Roma? Hoje não precisamos mais, bastam os dedos, em um clique no gps (Sistema de Posicionamento Global), mais especificamente no waze², e já temos a rota de todo endereço traçado, sem erros.

Estamos sendo educados por imagens e sons, e muitos outros meios provindos da cultura de mídias e da comunicação, o que torna os audiovisuais um dos protagonistas dos processos culturais e educativos. Afinal, as mídias não só asseguram formas de socialização e transmissão simbólica, mas também participam como elementos importantes da nossa prática sócio-cultural na construção de significados da nossa inteligibilidade do mundo e apesar de estas mediações culturais ocorrerem de qualquer maneira, tal fato implica a necessidade de mediações pedagógicas. (FANTIN, 2007, p. 2)

A facilidade de acesso à informação que a tecnologia nos trás é uma arma poderosa. Uma arma. E, se não usarmos com sabedoria, puxaremos o próprio gatilho para o nosso suicídio mental.

Mas por que falo isso? Citemos o livro “1984”, de George Orwell. O livro conta sobre uma ditadura surreal. Onde tudo gira em torno de uma figura chamada “O Grande Irmão” (o programa Big Brother, foi baseado nesse livro), cuja existência não sabemos se de fato é real ou se é algo criado pelo governo. O que sabemos é que todos devem fazer tudo por ele. Em todas as casas há câmeras, e todos só podem viver para servir o governo, ninguém precisa ter prazeres, apenas servir o governo. O grande irmão, e tudo que aprendemos é aos poucos mudado para criar a ilusão de que tudo foi criado pelo grande irmão. Por exemplo: aprendi

² É um aplicativo de trânsito e navegação online

que quem criou a primeira lâmpada foi Thomas Alva Edison em 1879, mas o governo me diz que não, que foi o Grande Irmão. E quando eu vou pesquisar nos livros, o governo já trocou os registros, e agora nos livros está escrito que o criador da lâmpada foi o Grande Irmão. E no Google também. Então como eu posso questionar? Eu aceito, inclusive acredito que antes eu estava errada. Não é difícil, afinal, perceber a analogia.

A internet e a mídia são canais muito acessíveis, para milhares de pessoas. É muito fácil colocar uma informação ali. Uma verdadeira, e uma falsa. E é muito fácil gerar uma conclusão geral de algo que nem real é. Toda fonte de informação é válida, mas é complicado, porque com essa acessibilidade fácil todos acham que sabem sobre tudo, e se não sabem... Bom, só precisamos de um clique.

A mídia e a internet não andam de mãos dadas com a educação, por isso temos como educadores (não somente os professores, os pais também, a escola em geral, merendeiras, porteiro e todas as agências e sujeitos que interagem com as crianças e jovens em formação) o dever de saber conduzir corretamente o uso desses equipamentos, seja na forma de pesquisa, de entretenimento, ou de estudo. O ódio, o preconceito e a ignorância são muito fáceis de serem compartilhados na rede. E é até curioso quando pensamos que tudo isso é tão novo. A televisão colorida surgiu a menos de 50 anos no Brasil. A internet, se expandiu a menos de 30. “A partir de 1995, a Internet se expandiu com um grandioso poder de expressão a nível individual e coletivo ampliando em larga escala o número de usuários” (DORIGONI E SILVA, 2007, 14). E como algo tão novo já comanda tanto a cabeça das pessoas?

Assim que o bebê nasce e aprende a segurar, já é colocado em suas mãos o tablet. A partir desse momento já começam os desenhos infantis, os programas, os jogos. Tudo que é sempre voltado para o desenvolvimento da criança, para educar, sempre. Mas é mesmo? Até os crescimentos que parecem que as crianças têm em relação aos desenhos assistidos na televisão, por exemplo, temos que observar críticos.

A perspectiva de mídia-educação implica a adoção de uma postura “crítica e criadora” de capacidades comunicativas, expressivas e relacionais para avaliar ética e esteticamente o que está sendo oferecido pelas mídias, para interagir significativamente com suas produções, para produzir mídias e também para educar para a cidadania (FANTIN, 2007, p.3)

Temos que assistir o que as crianças assistem, temos que saber o que é passado, debater. Os filmes da Disney, os de princesa, por exemplo. Depois de muitos questionamentos sobre a questão da princesa ser vítima, e ter que ser “salva” por um homem, pelo príncipe, os filmes de princesa começaram a vir sem os príncipes, ou eles não sendo mais os salvadores, como nos filmes “Valente” e “Frozen, uma aventura congelante”.

Mas onde estão as princesas negras? Está em “A princesa e o sapo”? Não. Não está! A Tiana começa no filme como uma mulher batalhadora, a mãe dela é costureira da casa de uma jovem rica, loira, de olhos claros. E a personagem principal vira princesa porque se casa com o príncipe. É preciso explicar o racismo disfarçado? Não está, afinal, assim tão disfarçado. Tudo isso educa. E desde muito cedo. Isso é trazido pra sala de aula. Os desenhos são um acesso muito direto às crianças, vira febre. E tem que ser debatidos nas escolas desde cedo! Tem que ser desconstruído. Tem que contar a mesma história que ela já conhece e adora, com a princesa negra, com a gorda. Se não for desconstruído desde cedo, depois o acesso será bem mais complicado. Quando você chegar a um aluno de 8 anos e falar que a Cinderela é negra, logo ele lhe corrigirá e falará “Não ela é branca, e loira”. Então temos que pegar cedo, para que com 8 anos esse aluno assista Frozen e pergunte “porque só tem brancos no filme?”. “Se nos interessa ampliar o repertório cultural das crianças é importante problematizar seu consumo cultural, e, sabendo que a maior parte consome aquilo que vem da cultura das mídias, não podemos abrir mão de discutir a complexa questão da qualidade” (FANTIN, 2007, P.4).

E não falo só dos desenhos, temos que ensiná-los os truques da mídia. Ensiná-los a não crer em tudo que eles assistem, leem na internet. Ensiná-los a saber usar essas ferramentas a seu favor para aprender e tomar muito cuidado para não se tornar alienado. E acabar sendo comandado pela mídia.

Os professores estão sendo convocados para entrar neste novo processo de ensino e aprendizagem, nesta nova cultura educacional, onde os meios eletrônicos de comunicação são a base para o compartilhamento de ideias e ideais em projetos colaborativos. A utilização pedagógica da Internet é um desafio que os professores e as escolas estarão enfrentando neste século, que pode apresentar uma concepção socializadora da informação. (DORIGONI E SILVA, 2007, p.14).

A cultura em massa hoje vem principalmente pela mídia. E se nós educadores não tomarmos muito cuidado, seremos engolidos. Os professores serão substituídos, como os livros foram pelo Google, no sentido de não serem mais aonde os alunos buscarão informação, conhecimento. Cada vez as crianças estão entrando mais cedo no mundo tecnológico e sabendo dominar essas tecnologias com mais conforto e facilidade. Isso não os torna mais inteligentes, os tornam mais acessíveis para serem comandados e alienados cada vez mais cedo e de uma forma mais fácil. Precisamos agir rápido e incluir sempre a escola paralela na escola, como fonte de pesquisa, como fonte de trabalho, de pensamentos críticos.

CAPÍTULO 4- BENEFÍCIOS DE UM ENSINO PADRONIZADO (PARA O GOVERNO E A SOCIEDADE)

Vamos falar agora da sociedade de controle, termo utilizado pelo teórico Michel Foucault. Foucault dizia que o poder é ligado com o saber. E que tudo no saber é ligado para controlar, para disciplinar. No texto “Disciplina, controle social e educação escolar: um breve estudo à luz do pensamento de Michel Foucault” (Cruz e Freitas, 2011) temos alguns trechos importantes:

Em relação ao “saber-poder”, Foucault admite que o poder produz saber, logo, define que estes estão diretamente implicados, sendo que não há relação de poder sem constituição direta de um campo do saber, nem saber que não suponha ou não constitua, simultaneamente, relações de poder. (CRUZ E FREITAS, 2011, p.37)

É importante refletirmos sobre o fato de que a força de poder e o olhar vigilante expresso pelas hierarquias podem ser um meio hábil para gerar o comportamento dócil do educando e do educador, sendo que pode haver um razão de cunho político e social diretamente interessada nesse comportamento disciplinado. (CRUZ E FREITAS, 2011, p.38)

Podemos ver que para o governo a escola tem um papel extremamente importante, a escola sendo utilizada para ensinar a disciplinar, a alienar, torna os alunos seres que não questionam, que se acostumam a obedecer regras, a seguir um padrão, que são castigados quando agem fora do esperado, que se é exigido uma nota, para poder passar de ano e ir avançando nas séries, ganhando assim o mérito que o aluno tanto espera. É humilhante não estar na série adequada para sua idade, ficar para trás, não atingir os objetivos acadêmicos que se esperam. Isso tudo é formulado para o aluno crescer e obedecer na sociedade e servir integralmente para a economia. Afinal todos querem estudar e ter profissões que supram economicamente todos os desejos possíveis, como ter uma família, viajar, comprar carros, ter imóveis. “O sujeito moderno, para ser útil, dócil e produtivo, necessita ser disciplinado, daí a necessidade das normas disciplinadoras na constituição do sujeito moderno.” (CRUZ E FREITAS, 2011, p.39).

Foucault afirma que a escola é uma instituição disciplinadora, como o quartel, as fábricas, os hospitais e as prisões e todos se parecem com as prisões. Ele afirma que as recompensas e honras, essas premiações aos bons alunos servem acima de tudo para disciplinar. Como um “adestramento”. Até a forma como a sala é organizada, os lugares, as carteiras, o quadro é feito com um objetivo. “Os lugares estabelecidos e individuais permitem

que todos os alunos sejam controlados e que todos produzam de forma igual.” (CRUZ E FREITAS, 2011, p.42).

O espaço organizado em sala de aula permitiu que a escola se tornasse uma “máquina de ensinar”, de vigiar e premiar. A escola consiste na aplicação do “quadro-vivo”, que visa transformar uma multidão inútil, perigosa e confusa, numa multidão útil e organizada. (CRUZ E FREITAS, 2011, p.43).

Podemos perceber que a escola é uma arma poderosa para o governo, por isso o ensino deixa tanto a desejar. A ideia não é criar seres humanos cheios de conhecimento, capazes de lidar com questões do dia a dia. A ideia é disciplinar, desestimular, manter o poder na mão de poucos. E manter o resto obediente e adestrado.

A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é a prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens. (FREIRE, 2002, p.70).

Por isso até hoje é tão difícil fazer uma reforma radical na educação, principalmente na pública, os governantes sabem o quando a educação pode ser perigosa, pois nos ensina a sermos críticos, a pensarmos por nos mesmos, a questionarmos, a não aceitarmos as decisões de autoridades que não façam sentido. A educação libertadora é assim, e é dessa que os políticos sempre querem correr ao contrário.

CAPÍTULO 5- A PADRONIZAÇÃO DOS RESULTADOS



Além de termos todos estes aspectos que interferem na aula, temos também a padronização dos resultados das avaliações em pequena e larga escala, e isso é imposto aos alunos e aos professores desde muito cedo.

A existência de exames na escola é outro indicador desse tipo de poder. O exame, como já falado, faz de cada estudante um caso particular, sendo esse caso, descrito, analisado, comparado, classificado e constantemente retreinado e normalizado. (CRUZ E FREITAS, 2011, p.44)

Na educação infantil os pais já exigem ver as atividades dos filhos no papel, ver mural. E, aos poucos, inicia a obrigação de ver o dever de casa, os testes, as provas, os trabalhos. Sem isso no papel parece que é a mesma coisa que dizer que o aluno não aprendeu absolutamente nada.

E aos poucos a padronização vai ficando mais afunilada. As provas precisam vir com as respostas padrões, os trabalhos precisam ter uma formatação específica, a forma certa de escrever, as normas a seguir. E isso não significa de fato um aprendizado, afinal sabendo que as respostas são padrões, aparecem as cópias, aparecem pessoas que são pagas para formatar os trabalhos ou até para fazê-los no padrão aceitável pela sociedade. Algumas vezes até o número de folhas mínimo e máximo é imposto.

E se isso não for do jeito padrão, significa que não é bom o suficiente, o aluno não fez um trabalho bom o suficiente e o professor não exigiu e ensinou a “melhor” forma de gerar resultados, a forma culta. Porque no final da faculdade (algumas já estão quebrando esse padrão, mas são poucas) é exigido uma monografia afinal? Por que o aluno não pode demonstrar o que aprendeu em forma de vídeo, um documentário, ou em uma palestra com power point? Por que tudo é formatado com times new roman 12, texto justificado, letra na

cor preta? As vezes o trabalho ficaria muito mais rico escrito colorido, com imagens setas, letras grandes. Isso obriga o aluno “a ser padrão” até quando já está se formando na faculdade, no mestrado, no doutorado. Sempre seguindo a disciplina. Até o fim. Para alcançar o maior grau academicamente é necessário ser muito disciplinado, saber fazer os trabalhos exatamente como se espera nunca a menos e nem a mais. Nunca a mais. Andando na linha, provando ser merecedor do maior grau acadêmico, afinal estar “super adestrado” caso contrário não conseguiria o diploma.

Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte da sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo. Daí a impossibilidade de vir a tornar-se um professor crítico se, mecanicamente memorizador, é muito mais um repetidor cadenciado de frases e de ideias inertes do que um desafiador. (FREIRE, 2016, p.28)

Os professores apesar de mais “instruídos” também são humanos e estão suscetíveis a erros, como é possível um ser humano avaliar o outro com números de um a dez, notas, reprovação, o que isso de fato mede? Quem está em sala de aula diariamente sabe que muitas vezes um estudante que é excelente em sala de aula pode não ir tão bem numa avaliação formal, mas isso não significa absolutamente nada. O professor deve observar essa evolução em sala e conversar constantemente com a sua turma, ter um retorno, avaliação não serve apenas para o aluno, é necessário que se avalie também o professor. Por isso conversas constantes, avaliações gerais e contínuas são mais justas. Afinal do que adianta o professor passar a matéria, dar uma prova, dar uma nota 3 a um aluno e não procurar saber os motivos por esse aluno não ter tirado 10, o que ele não compreendeu, o que pareceu difícil para ele, e trabalhar todas essas questões. Estar em sala é uma constante avaliação, tanto para os estudantes, como para os educadores. Seguindo essa lógica, deixo os questionamentos: Como o ENEM pode medir o conhecimento? Medir quem está apto ou não apto para cursar uma faculdade? Quem merece mais uma vaga?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aula afeta o aluno, mas existem tantas coisas que afetam a aula, que é muito complicado deixar a educação apenas para os professores e para as escolas. É necessária uma mobilização geral e que as pessoas estejam cientes de todo esse processo. Se deixarmos da forma que já está, a educação continuará servindo para disciplinar, para gerar obediência, submissão e não para criar pessoas críticas, capazes de intervir politicamente, de pensar sozinhos.

(...)a escola não tem buscado formar indivíduos críticos, ela sempre exerceu função de forma egoísta, sem se preocupar com o período vivido, pois é normal que se mudem os professores ou as arquiteturas da escola, mas o intuito de formar massas de manobra para o mundo capitalista permanece. (CRUZ E FREITAS, 2011, p.48)

Se o professor ensina conceitos que, por vezes, não pertencem à sua realidade, e nessa irreabilidade, o aluno vai pra casa e não consegue fazer sequer uma união entre escola e vida, dar sentido social ao que aprende, tornam-se indivíduos que aceitam, sem nenhum questionamento, os saberes e a verdade constituída. (CRUZ E FREITAS, 2011, p.48)

A escola é voltada para o mundo capitalista, a intenção não é criar rebeldes. E sim pessoas alienadas, fáceis de comandar. O mais fácil possível. E o papel do professor é jogar as cartas na mesa para o aluno, e deixar que ele saiba essas formas de alienação, para que ele se torne um indivíduo que pense por si, que possa formar opiniões, debater questões, questionar o que está errado, saber o que tem que evoluir e quais caminhos devem ser seguidos para que isso aconteça.

o papel do intelectual não é dar conselhos, mas sim, mostrar aos interessados, o que está acontecendo, alertá-los da maquinaria em que estão envolvidos, formando, assim, pessoas abertas a mudança.(...) Assim, que a escola possa, enfim, provocar e ser a mudança, contribuindo para uma sociedade nova, mais condizente com as exigências atuais. (CRUZ E FREITAS, 2011, p.48)

Acredito que nosso papel como educador é bem maior e mais complexo do que imaginamos quando decidimos ser professores. Temos diversos obstáculos para nos desanimar, para nos desencorajar e para que esse sistema consiga nos padronizar. Consiga criar professores que ensinem apenas a matéria, sem ensinar a pensar, a ser crítico. Sinceramente? Esse sempre será o caminho mais fácil para termos o salario no final do mês (salário este baixíssimo para a quantidade de trabalho, mas não iremos entrar nessa questão)

sem termos aborrecimentos com responsáveis, com a instituição ao qual estamos trabalhando e as vezes até para evitar embates com colegas de trabalho. (Pedagogos são sempre chatos, segundo os outros professores – frase ouvida em escolas). Mas quem disse que ao escolhermos essa profissão estávamos buscando o caminho mais fácil?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARGO, Andre. *18 Quadrinhos Contundentes Para Entender Por que Colocar uma Criança em uma Escola Tradicional é um Desastre*. Disponível em: <<https://medium.com/brasil/18-quadrinhos-contundentes-para-entender-por-que-colocar-uma-crian%C3%A7a-em-uma-escola-tradicional-%C3%A9-um-d66d182c3d77>>. Acesso em: Novembro de 2015.

COSTA, M. V. ; SILVEIRA, R. H. and SOMMER, L. H. . *Estudos culturais, educação e pedagogia*. 2003.

CRUZ, P. A. S.; FREITAS, S. A. de. *Disciplina, Controle Social e Educação Escolar: um breve estudo à luz do pensamento de Michel Foucault*. Revista do Laboratório de Estudos da Violência, Marília, n. 7, p. 36-49, jun. 2011.

DORIGONI, G. M. L., SILVA, J. C. . 2007. *Mídia e Educação: o uso das novas tecnologias no espaço escolar*. Disponível em URL: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1170-2.pdf> .Acesso em: Maio de 2016.

FANTIN, Monica. *Alfabetização midiática na escola*. Campinas: 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa* . 1996. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro/São Paulo, 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 32.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

NAVARRO, Vicente. *A mídia e a destruição da infância*. Disponível em: <http://altamiroborges.blogspot.com.br/2014/01/a-midia-e-destruicao-da-infancia.html> . Acesso em: Junho de 2016.

O QUE A ESCOLA DEVE APRENDER ANTES DE ENSINAR. São Paulo: CPFLCultura, 2013. 49 minutos e 37 segundos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EigUj_d5n80 . Acesso em: outubro de 2017.

ORWELL, George. 1984. 29ª ed. São Paulo: Ed. Companhia Editora Nacional, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

TARDIF, Maurice. *Os professores enquanto sujeitos do conhecimento: subjetividade, prática e saberes do magistério*. In: CANDAU, V. M. (Org.). *Didática, currículo e saberes escolares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 112-128.

URBANO, Pacha. *Uma história conhecida*. Rio de Janeiro: Nébula, 2015. Disponível em: <https://medium.com/nebula/aquela-magn%C3%A2nima-institui%C3%A7%C3%A3o-b24e80350a9e> . Acesso em: Julho de 2017.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH
Escola de Educação – EE

MONOGRAFIA II

ALUNA: Malu Silva de Freitas

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: A aula afeta o aluno. E o que afeta a aula?

ORIENTADOR: Leonardo Vilela de Castro

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: Andréa Thees

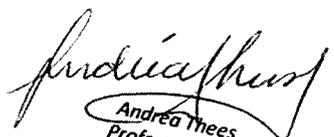
Nota: 10,0 (dez)

Considerações:

O trabalho de monografia foi encaminhado para elaboração do parecer dentro do prazo previsto pelo colegiado da Escola de Educação. O tema escolhido para o ensaio tem como foco reflexões da autora sobre a influência da sociedade e seus produtos culturais na educação infantil. Destaca-se a originalidade da escrita e sua integração com a formação em Pedagogia, refletindo sobre a importância de uma formação que habilite o futuro professor ser questionador e crítico em suas funções de docência. O trabalho está dividido em cinco capítulos, além da introdução, das considerações finais e das referências bibliográficas. Inicialmente, consta uma breve introdução na qual a autora destaca a sua inquietação em relação às dificuldades encontradas pelos educadores em sala de aula, apresentando sua experiência para justificar a escolha do tema da monografia. No capítulo um, é apresentada uma breve contextualização histórica, seguida de reflexões sobre o professor como sujeito do conhecimento e a sociedade no capítulo dois. A influência da mídia e dos meios de comunicação é analisada no capítulo três. No capítulo quatro, a autora indica como o governo e a sociedade parecem se beneficiar de uma educação carente de bons resultados, para em seguida, no capítulo cinco, apresentar as injustiças de padronização das avaliações. Considerando que o ensaio apresentado como trabalho de conclusão de curso responde aos critérios de avaliação de forma adequada, articulando em parte a teoria e a prática; que a escrita imprime autonomia, sendo um trabalho inédito e com temática relevante; que todos estes elementos atestam a qualidade acadêmica para um curso de formação de professores para a Educação Básica, recomendo a aprovação do trabalho de monografia com nota 10,0 (DEZ). Parabéns à formanda pelo seu esforço e dedicação durante o percurso acadêmico e a todos os envolvidos neste trabalho de conclusão de curso.

DATA: 15/11/2017

Assinatura:


Andréa Thees
Professora DID
SIAPE 1974849

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador: Leonardo Villela de Castro

Nota: 10,0

Considerações:

Orientar Malu foi um desafio vivido ao longo de três semestres, pois desde o seu estágio no Ensino Médio firmamos o acordo de que a acompanharia até o final do seu TCC. É um trabalho que tem a força de sua personalidade e a clarividência de suas convicções. Poderia ter enveredado por uma pesquisa de campo, mesmo que de forma tímida, mas os compromissos com provas para o curso de mestrado, que terminou com sua aprovação, a impediram de realizar esse trabalho. Acredito que estes possíveis diálogos com professores e alunos, que foram os motivadores desta boa reflexão que apresentou, a trariam desafios enriquecedores dos quais, com certeza, ela não se esquivaria. Acredito que o futuro caminho de pesquisadora, que ela já iniciou, será pleno de conquistas, já que sua inquietação intelectual a levará por muitos caminhos diferentes e igualmente desafiadores. A leitura generosa e parceira da Professora Andréa Thess fez jus ao esforço de Malu que mostra desde já bom domínio do instrumental teórico que escolheu para buscar entender, com mais rigor e profundidade os conflitos e possibilidades desse espaço em permanente mutação que é a sala de aula. Prevejo convívios enriquecedores para ela neste ambiente vivendo ambos os papéis, de aluna e de professora, já que sua aposta no diálogo franco entre esses sujeitos aponta claramente nesta direção.

Data:

21/11/2017

Assinatura:

Leonardo Villela de Castro

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Média final
10,0	10,0	10,0

Rio de Janeiro, 21 de novembro de 2017.

Leonardo Villela de Castro

Mat. 1814212

Prof. Orientador